METODOLOGIAS NO TRABALHO COM MULHERES

PERSPECTIVAS FEMINISTA E ANTIRRACISTA

REDE JUBILEU SUL

Realização

Apoio

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da União Europeia. Seu conteúdo é de responsabilidade exclusiva do Instituto Rede Jubileu Sul Brasil e da Red Jubileo Sur/Américas e não reflete necessariamente a visão da União Europeia.

EXPEDIENTE

AUTORA
Magnólia Said - educadora feminista, membro do Esplar - Centro de Pesquisa e Assessoria e da rede Jubileu Sul Brasil, e Marli de Fátima Aguiar, escritora, educadora popular, feminista, articuladora local do Coletivo de Mulheres do Jubileu Sul Brasil.

COLABORADORAS
Coletivo de Mulheres da rede Jubileu Sul Brasil

PRODUÇÃO
Ana Rosa Carrara e Flaviana Serafim
Comunicação da Rede Jubileu Sul Brasil

IMAGENS
Arquivo da Rede Jubileu Sul Brasil

DIAGRAMAÇÃO
Rachel Gepp

E-MAIL
secretaria@jubileusul.org.br

NOVEMBRO
2020

SUMÁRIO

4 APRESENTAÇÃO
7 INTRODUÇÃO
11 NOSSOS SONHOS
15 DESENVOLVENDO O MÉTODO
19 PARA INICIAR O TRABALHO
23 CHEGAMOS AO TERRITÓRIO
29 O QUE PRECISA SER FEITO
35 REFERÊNCIAS TEÓRICAS

APRESENTAÇÃO

A Educação é um direito fundamental que contribui tanto para o desenvolvimento pessoal como para todos os vetores do desenvolvimento (social, cultural, econômico, político, ambiental). Somente através dela – mas não qualquer educação e sim aquela que liberta – podemos nos preparar para lidar com as questões que a vida nos coloca. A falta de acesso a uma educação de qualidade interfere em um princípio básico: o direito a ter direitos. A Declaração dos Direitos Humanos estabelece que é por meio do ensino e da educação que se promove o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais. Mas parece que no Brasil isso não funciona assim. Ao longo dos anos ela tem sofrido um esgarçamento do que consideramos seu princípio fundamental – Educar para a Liberdade. Os problemas decorrem fundamentalmente na educação pública, cuja comunidade escolar não dispõe dos elementos básicos para que o ensino tenha o padrão necessário ao que está posto na Declaração dos Direitos Humanos. Os compromissos firmados por governos até hoje em nome da educação,

demonstram claramente a existência de duas concepções de escola no país, agravada hoje por um governo de perfil ultraliberal: uma para os ricos, pautada no modelo estadunidense, outra para os pobres.

A escola destinada aos ricos, aquela que possibilita às alunas e aos alunos uma formação capaz de facilitar o ingresso em grandes universidades do pensamento neoliberal do mundo. Essa visão de educação neoliberal considera que o acesso às universidades deve acontecer por um sistema de meritocracia, não levando em consideração o pensamento de direito de acesso ao ensino de qualidade. Na escola destinada aos pobres, é empregada uma formação regulada pelo pensamento da ordem e do progresso, voltada para capacitar um exército de mão de obra disponível para atendimento ao mercado, com o perfil que a burguesia precisa para consolidar seu projeto de poder. Nessa escola, a história e a cultura são ensinadas como se houvesse uma única visão sobre elas – a do colonizador – e as relações desiguais de gênero, raça e classe são desconsideradas.

Embora o contexto seja bastante adverso, isso não nos impede de irmos contra a ordem vigente. Nosso desafio é compartilhar outra proposta educativa que tem como pano de fundo uma educação popular, feminista e anti-racista capaz de pautar novas relações entre as pessoas, educando as mulheres para a luta contra a opressão, o racismo e fortalecendo a solidariedade.

Esta, portanto, não é uma cartilha para ensinar "como deve ser feito um trabalho com mulheres", mesmo porque isso não se ensina. Nossa tarefa é, a partir da realidade, refletindo sobre as relações que são estabelecidas e sobre como compartilhamos o conhecimento, encontrarmos juntas, os caminhos da insurgência no pensamento e na ação. Aqui apresentamos indicativos e sugestões, partindo de nossas vivências, que podem contribuir com o trabalho de cada uma.

INTRODUÇÃO

Nossa proposta é dialogar, trazer linhas gerais sobre formas inclusivas de realizar um trabalho com mulheres, de modo que ele venha contribuir para sua auto-organização, a conquista de espaços de poder e sua emancipação.

Trazemos aqui alguns elementos que nos possibilitam desenvolver uma metodologia a partir de quatro eixos: educação popular, gênero, raça e classe em uma perspectiva feminista. Consideramos que estes eixos são fundamentais para a formação e transformação interior e dos ambientes em que se encontram as mulheres, estejam elas organizadas em grupos nas periferias, ou em outros espaços, voltadas para a construção da sua identidade racial e étnica e da sua emancipação.

Em primeiro lugar, sugerimos que nossas referências teóricas no campo do feminismo, da educação popular e étnico racial sejam: Paulo Freire, Heleieth Saffioti, Ngozi Chimamanda, Beatriz Nascimento, Ailton Krenak e Lorena Cabnal, como inspiração e construção de novos caminhos que queremos para a vida das mulheres e da nossa sociedade. Que essas referências nos guiem para onde queremos chegar, fortalecendo a teia da vida.

SAFFIOTI, socióloga marxista, professora. Trabalha as questões de gênero e patriarcado usando o conceito de dominação-exploração, uma vez que concebe o processo de sujeição de uma categoria social com essas duas dimensões, não concebendo territórios distintos para uma e outra, pois não os considera processos distintos. Ela entende que ambos estão no domínio da política e do econômico.

PAULO FREIRE, educador e filósofo. Como educador popular, tem uma posição de princípio semelhante à de Saffioti. Ele separa a sociedade em duas: de um lado, os oprimidos e, de outro,

os opressores. O resultado da desumanização dos oprimidos é a dominação, onde os opressores dominam e os oprimidos obedecem. Afirma também que é a educação que muda as pessoas e as liberta e estas mudarão o mundo.

BEATRIZ NASCIMENTO, historiadora, intelectual, feminista negra, escritora. Traz os estudos os "Quilombos e as Favelas", fala sobre as forças destes territórios e a contribuição destas pessoas negras na construção da sociedade brasileira e seu papel nessa construção em todos seus aspectos, do cultural ao político. Ela discute o papel subalternizado das mulheres negras no mercado de trabalho em uma sociedade racista e patriarcal.

Que neste momento vem se agravando pelas políticas do desgoverno atual e pelas estatísticas da violência doméstica e do feminicídio, e também do genocídio do povo negros onde as mulheres também são afetadas diretamente com a morte de seus filhos e filhas, sem falarmos do encarceramento em massa desta mesma população.

AILTON KRENAK, professor, historiador, ambientalista, líder indígena brasileiro. É considerado uma das maiores lideranças e pensador do movimento indígena brasileiro. Pertence à etnia Krenak, da região do Rio Doce, em Minas Gerais. Tem uma forma diferente de ver o mundo e pensar uma nova cosmologia a partir do olhar, das experiências dos povos originários, da relação com a terra, com a água, com os rios, com os humanos. Além disso denuncia as atrocidades os séculos de genocídio contra os povos indígenas, suas culturas, crenças e territórios. Defende o planeta como espaço comum e de direito a todos os seres que nela habitam. Um olhar indígena que contribuirá para a transformação deste mundo-capital para um mundo-natural que respeite o planeta e tudo que nele habita.

Beatriz e Krenak dialogam quando discutimos raça e etnia e pensam em uma nova cosmologia, uma nova forma de pensar e

estruturar nossa sociedade, que não seja mais este modelo capitalista e excludente. Esse diálogo passa pela política do genocídio e apagamento de povos indígenas e da população negra quilombola desde a invasão do Brasil, pelos europeus, liderada pelos portugueses e espanhóis. Estes pensadores trazem a relação do corpo negro com o corpo indígena e como estes foram e seguem sendo moeda de troca e canal da violência para manter o capitalismo e o patriarcado, mas também como corpos de resistência.

NGOZI CHIMAMANDA, escritora e feminista negra nigeriana. Ela conjuga sua capacidade de trazer outra visão sobre construção de gênero, sexualidade e do feminismo, atraindo uma nova geração de leitoras e leitores para a literatura africana.

LORENA CABNAL, indígena, feminista comunitária da Guatemala. Discute o feminismo a partir de que lugar e de que tempo as feministas estão dialogando, considerando desde qual lugar de denúncia se está falando.

NOSSOS SONHOS

No caso das feministas comunitárias guatemaltecas, é o território corpo e o território terra. Ela acredita que a relação harmônica de vida que foi gerada no mundo por seus ancestrais, se rompeu há alguns milhares de anos, assim como foi rompida a relação entre os corpos. Nos traz ainda como contribuição importante, o debate sobre o corpo plural como contraponto ao patriarcado ancestral originário e a necessidade de tecer, reconstruir a teia da vida que foi rompida.

Desde essa base teórica, temos os elementos necessários para construirmos nosso entendimento sobre o processo de formação e a sua importância para as mulheres de diversas culturas e visões de mundo, com as quais iremos trabalhar, relacionando diferentes dimensões: a disponibilidade de informação crítica e de qualidade que permita a essas mulheres construírem com suas opiniões próprias, e seus saberes locais, o entendimento sobre os diversos temas; a produção de um conhecimento capaz de provocar reflexão e desassossego, diante do que é aparentemente imutável; a construção coletiva dos saberes; a ação direta desde o local, a partir da organização e articulação, para conquista das demandas necessárias à vida das mulheres; a convicção de que somos mais do que repassadoras de informações, porque queremos nos envolver com o crescimento de cada mulher com a qual iremos nos relacionar.

A PARTIR DESSE ENTENDIMENTO, PRETENDEMOS:

- Que se estabeleça uma forma de comunicação com e entre as mulheres que lhes facilite interiorizar e refletir sobre suas ações consigo mesmas e com o mundo;

- Fomentar processos em que possam refletir criticamente sobre suas vidas, seus trabalhos, suas relações socioafetivas, étnico-raciais, suas crenças, seus valores, culturas, suas angustias e suas necessidades, de modo que os grupos sejam capazes de desenvolver um conhecimento de múltiplas dimensões e possível de ser multiplicado;

- Que a situação das mulheres seja compreendida como decorrente de um modelo de sociedade patriarcal, misógino e racista que desvaloriza sua capacidade de pensar, que lhes desrespeita em função de sua raça/etnia e de sua condição social, invisibilizando sua força de trabalho, seja ele intelectual, informal, doméstico, de cuidados, no campo ou na cidade; desvaloriza seus conhecimentos ancestrais, não os reconhecendo como trabalho e nem como saber. Este modelo, sustentado na tríade: capitalismo, racismo e patriarcado, usa a força de trabalho não pago das mulheres para gerar mais lucro, seguindo na manutenção da pirâmide social.

São estas as questões que deverão orientar nosso trabalho, se queremos contribuir para que essas mulheres transformem suas vidas e os ambientes onde estiverem inseridas.

Nos interessa facilitar entre as mulheres, a descoberta de explicações e respostas à sua condição na sociedade, como são construídas as desigualdades de gênero, de raça e de classe; e de que modo, através da opressão do patriarcado e do racismo o modelo de desenvolvimento capitalista, se impõe no nosso país e no mundo.

Pretendemos que seja possível a troca de vivências sobre as situações vexatórias no campo das relações sociais e sobre situações de violência.

Esperamos que conscientes de sua importância para o desenvolvimento de outro tipo de sociedade, pautada em valores de justiça, igualdade e respeito às pessoas e à natureza, as mulheres sintam a necessidade de se organizarem em torno de causas comuns.

Não podemos deixar de considerar tanto a dureza da vida das mulheres no cotidiano, voltadas para tarefas produtivas, reprodutivas e de cuidados todo o tempo, quanto a solidão daquelas que são também provedoras de seus lares. Tendo que trabalhar dobrado para levar alimento para a família além de todas as outras despesas, estas são naturalmente desencorajadas, seja pelo cansaço, seja por uma religião não libertadora, de participar de espaços em que possam trocar ideias no

coletivo, estar com outras mulheres e fortalecer-se. Isso muitas vezes as desestimula a participar, por considerarem que estariam sendo chamadas para realizar mais uma tarefa que não iria mudar nada nas suas vidas. Portanto, não esmoreçam; estas só precisam que a gente chegue junto, para se envolverem também.

DESENVOLVENDO O MÉTODO...

ASSIM, PODERÍAMOS COMEÇAR:

1. Escutando as mulheres. Não devemos ignorar, desconsiderar ou diminuir a fala das mulheres, suas experiências, seus saberes locais, coletivos e individuais, suas dores, sonhos e conquistas.

2. Pensar formas que as mobilize para criarem o hábito de falar em público como se fosse um treinamento. Para tanto, você pode abordar o tema que vai tratar, com alguma dessas ideias: jogo de perguntas e respostas, júri simulado, teatro, simulação de uma situação a ser apresentada... A ideia é que se percebam exercendo a capacidade do convencimento e da construção de alianças pelo uso da palavra.

3. Usar místicas a cada início de atividade e/ou final, como meio de valorização, afirmação da identidade e da ancestralidade. Pedir sempre que uma delas prepare.

4. Criar as condições para que seja viabilizada a participação das mulheres nas atividades e isso deve estar colocado já no convite. Por exemplo: os horários, que devem ser adaptados ao tempo dos trabalhos desenvolvidos pelas mulheres, tendo em vista serem comuns as ausências nas atividades já previstas. No próprio local da atividade, ter um espaço com recreadoras (ciranda), para acolher as crianças que acompanham as mães.

5. Sendo paciente e tolerante com os limites e o tempo de cada mulher, sabendo que não se muda de uma hora pra outra uma cultura de opressão. Tentando perceber o que está por trás da fala de cada uma ou do silêncio de algumas.

6. Estando preparada para "mudar o rumo da prosa", caso perceba que aconteceu algo com alguém do grupo ou com o próprio grupo, fazendo com que o tema que você iria tratar, deixou de ter sentido para as mulheres naquele momento. Saibam que o apoio emocional entre mulheres que fazem parte de um grupo é fundamental em seus processos de formação.

7 Encontrar formas de falar de suas próprias experiências, os entraves que encontrou para superar as dificuldades que tinha, como foi superando o medo, a rejeição, o preconceito, a violência. É um bom modo de desmistificar o lugar de poder em que você está e deixar que elas percebam que, se foi possível para você superar os entraves, é possível para elas também. A palavra convence, mas o exemplo arrasta e nos identifica.

8 Fortalecer a ação das mulheres em rede como uma importante estratégia de auto-organização. Ao mesmo tempo, estimular sua participação nos espaços políticos, mas fazendo com que percebam que um coletivo de mulheres é fundamental para que acumulem conhecimento, inspiração e capacidade de intervenção em outros espaços de poder.

9 Realizar oficinas de escritas, de construção de abayomis. A palavra tem origem Ioruba, língua falada em vários países de África. A boneca preta Abayomi que se tornou um importante símbolo de resistência negra na cultura brasileira, tem uma versão popularmente contada por movimentos sociais e feministas, segundo essa tradição a boneca negra era artesanalmente construída nos porões dos navios negreiros pelas mulheres com as barras de suas saias. Numa tradução literal do Ioruba, Abayomi significa "encontro precioso". Essa concepção carrega todo simbolismo da resistência, uma vez que durante a travessia não podiam nem ver os rostos umas das outras, dada a disposição em que se encontravam no navio. Mas registramos que a boneca Abayomi na verdade foi criada pela artesã maranhense Lena Martins em1987. Feita com retalhos de panos, sem cola e sem costura, seu nome significa "meu presente" e, segundo a sua criadora, "já nasceu livre". No início da década de 1990, com a formação da Cooperativa Abayomi, composta por mulheres artistas e educadoras, a boneca — e toda a carga histórico-social que gestou a sua criação — começa então a ser difundida com oficinas e vivências realizadas em diversas partes do Brasil, em uma perspectiva da união e da mobilização antirracistas. A preta boneca Abayomi está integrada à cultura popular contemporânea e brasileira, por identificação e reconhecimento de sua força imagética e simbólica.

Fonte: Manifesto por Reparação. Coletivo Abayomi Boneca Brasileira.

Leituras de textos de autoras negras, indígenas e feministas e de textos que elas próprias possam produzir a partir de seus conhecimentos e de suas histórias de vida ou mesmo do lugar onde estejam inseridas, para que se vejam protagonistas de suas próprias histórias.

10 Resgatar a história e as lutas dos povos e das mulheres que constituíram o país. Incentivando que escrevam suas histórias, a de seus antepassados e produzam materiais de acordo com suas realidades e necessidades (cartas, testemunhos, poemas, fotos, desenhos,...). Buscar viabilizar a publicação dessas histórias, de modo a mostrar para fora o que foi construído e produzido pelas mulheres.

11 Trabalhar aspectos subjetivos das mulheres participantes quanto à questão do corpo, identidade e ancestralidade. Tanto os povos indígenas como os povos negros, têm no corpo uma concepção de totalidade, como um lugar de aprender e produzir conhecimentos. Como as mulheres se veem e se sentem com elas mesmas? A partir de questões relacionadas à subjetividade, é possível abordar aspectos da violência doméstica, violência do racismo e outras violências.

12 Estarmos atentas ao uso da linguagem, o que é fundamental para os grupos em que muitas nem conseguem escrever e pouco entender termos militantes: "patriarcal, capital...".

DOIS LEMBRETES IMPORTANTES:

- Atentar sobre como o convite é feito às mulheres. Caso não possa ser presencial, um áudio tem mais efeito do que um convite escrito, mas é bom que se faça os dois.
- De vez em quando levar uma mulher que já esteja mais avançada em seu processo de formação, para conversar com o grupo sobre sua experiência de superação de algum tipo de violência, sua experiência de articulação com outros grupos, sua experiência no campo da produção agrícola e artesanal...Caso seja possível, proporcionar ao grupo um intercâmbio para conhecer a dinâmica de outro grupo e suas formas de atuação, enfrentamento e resistência.

PARA INICIAR O TRABALHO

Para iniciar um trabalho de formação, acompanhamento, seja com que grupo de pessoas for, nesse caso, um trabalho com mulheres, é fundamental buscar formas de conhecer a realidade, o ambiente no qual aquelas mulheres vivem. Essa realidade está vinculada à região, município, bairro, comunidade, família, convivência social, às políticas públicas que chegam para elas e às potencialidades do lugar. Tal conhecimento vai lhe permitir identificar e compreender as necessidades e desejos do grupo e as questões estruturais que as obrigam a ser, a fazer e a se comportarem de um jeito e não de outro. Mas como conhecer essa realidade? Que instrumentos podemos utilizar para chegarmos a esse conhecimento?

A Cartografia Feminista é um importante instrumento para isso. A perspectiva dada a esse instrumento metodológico foi construída a muitas mãos. Foram mulheres que nas vivências de assistência técnica rural no Nordeste. Ela provoca as mulheres a pensar sua própria realidade e práticas cotidianas individuais e coletivas a partir da representação de seus territórios, desde as relações, conflitos e diversidades ali presentes e suas vidas. Essa representação pode ser feita através de desenhos, pinturas, escritas, costuras, dentre outras formas.

Ela contribui para: dar visibilidade à expressão e interesses das mulheres no território; dar visibilidade a um conjunto de práticas e vivências das mulheres e as relações que estabelecem com cada elemento identificado na cartografia; possibilita a participação e a formação das mulheres; possibilita a articulação entre as mulheres, para darem seguimento às suas agendas coletivas de luta.

QUAIS SÃO OS ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS NA CONSTRUÇÃO DA CARTOGRAFIA:

- A participação direta das mulheres envolvidas e que vivem nos territórios;
- O processo coletivo de construção;
- A visibilidade da realidade e a sua interpretação pelas mulheres diretamente envolvidas;
- O recorte espacial a ser cartografado: a comunidade, o bairro, a cidade, entre outras.

COMEÇANDO A TECER A REALIDADE

Separe as mulheres em grupos, mas a partir de um critério. Por exemplo: o bairro aonde moram. Peça para desenharem o espaço aonde vivem, dando as indicações do que elas não podem esquecer (o acesso a equipamentos públicos e privados, moradia, trabalho, Igrejas, etc., sempre com a atenção ao que se deseja alcançar nesta identificação do contexto); com quem estabelecem relações sociais, políticas, comunitárias; que conflitos estão presentes; os sujeitos e símbolos relevantes no território. Depois, você pede que circulem pelo espaço, olhando os desenhos que foram produzidas por elas mesmas e que se relacionam com a temática abordada; pergunte se esqueceram alguma coisa. Em seguida, passe para a apresentação de cada grupo e vá problematizando com elas sobre o que foi apresentado, indique o que lhe parece estar faltando, aonde estão as mulheres, se algo lhes chama a atenção. Em seguida, caberá à facilitadora identificar com o grupo que demandas/necessidades afloram naquela realidade, que poderiam se constituir em uma agenda de lutas. Faz um listado das questões e vai tratando uma a uma com o coletivo.

CHEGAMOS AO TERRITÓRIO, CONHECEMOS A REALIDADE E APRESENTAMOS AO GRUPO UMA PROPOSTA DE TRABALHO. AGORA É SÓ FAZER ACONTECER!

Reuniões, Oficinas, treinamentos, seminários, cirandas e cursos são algumas formas de trabalhar com grupos, por isso é importante saber como utilizar cada uma delas:

REUNIÕES: em geral, são organizadas para tratar de temas variados, com uma pauta definida antecipadamente. Alguns assuntos podem ser sugeridos antes da reunião. Em geral, são tirados encaminhamentos. O número de pessoas é variado.

OFICINAS: é uma forma de trabalhar um determinado conteúdo, incentivando a expressão da espontaneidade de cada pessoa do grupo. Se a oficina for coordenada por uma só pessoa, o ideal é que tenha no máximo 30 participantes. Em geral, nas oficinas se tira encaminhamentos sobre o tema abordado. Pode durar até 2 dias.

OFICINAS DE ESCRITAS: são formas de as participantes produzirem criativamente suas histórias ou histórias do lugar aonde vivem, a partir de um tema apresentado. Isso pode se dar em um ciclo de cinco encontros e cada um ter no mínimo 2:30 hs (de acordo com a realidade e disposição de cada grupo). É apresentado um tema a partir das necessidades do grupo. Faz-se dinâmicas de integração e relaxamento para possibilitar que as mulheres relaxem e fiquem mais à vontade para escrever ou desenhar (quem não escreve). Usa-se óleos essenciais, ervas, chás... Dá-se de 5 a 10 minutos para criarem um texto sobre o tema e depois compartilharem entre as participantes. Ao fim do ciclo se discute com o grupo o que pode ser feito com os textos produzidos.

SEMINÁRIOS/ENCONTROS: são feitos para aprofundar temas específicos. Pode-se tirar ou não encaminhamentos. O número de pessoas é variado. Pode durar até 2 dias.

CURSOS: são feitos para aprofundar o conhecimento sobre determinada questão, envolvendo alguns temas. É bom que o número de pessoas seja limitado (no máximo 35) para melhor aproveitamento individual. Em geral, têm duração de até 4 dias. Caso seja difícil a participação das mulheres num tempo maior, ele pode ser feito em módulos de 1 dia para cada módulo.

TREINAMENTOS: são um aprendizado prático sobre uma questão específica. Por exemplo: treinar a elaboração de uma Nota Pública ou como fazer o Estatuto da Associação. Duram até 2 dias.

CIRANDA: é um momento de encontro para trocas, aprendizado coletivo. Pode ter um tema gerador para abrir a conversa, mas segue o ritmo das mulheres participantes. Neste espaço a palavra é livre. O ideal é que se tenha de 15 a 20 pessoas. Pode ser de algumas horas de duração. Não precisa tirar encaminhamentos. Só de um próximo encontro e do que se quer tratar, trocar.

A LINHA DO TEMPO: permite que as mulheres, com o apoio da facilitadora, articulem o pessoal com o local e com o geral, ou seja, as forças que agem e interagem na relação comigo a partir de minhas atitudes e posturas diante da vida. Possibilita debates que irão contribuir para que cada mulher se veja naquele lugar, daquele modo, mediante aquelas circunstâncias uma vez que, o que está no seu entorno que ela aparentemente não vê, tem influência sobre a sua vida e sobre a percepção que ela tem do mundo.

Como fazer: para iniciar, define-se um ano, por exemplo (que vai ser o marco zero no tempo de atuação daquele grupo), vamos começar a falar sobre os acontecimentos marcantes que influenciaram na vida do grupo e das mulheres no território, Estado, país, a partir do ano 2000 até 2020. Todos esses anos vão estar acima da linha mantendo uma

certa distância. Para cada ano, as mulheres irão falar dos acontecimentos. A facilitadora vai anotando abaixo de cada ano, a ideia central. Se no ano 2003, não teve nada que se refletisse no grupo, passa-se pra o ano seguinte, até chegar em 2020. A partir dessas referências pode-se fazer um bom debate.

Outras formas de trabalhar podem ser utilizadas, a depender de por qual caminho queremos ir para alcançar os objetivos que definimos: audiências públicas, visitas a equipamentos públicos, visitas a áreas de conflito, atividades de rua, feiras feministas e solidárias são algumas delas.

NÃO ESQUEÇA DE:
Apresentar e sugerir bibliografia de autores e autoras de acordo com a temática: feminismo, racismo, gênero, capitalismo, dívida e outros temas que serão desenvolvidos e que as participantes ainda não tenham tido acesso. Isso pode ser feito por meio de pesquisas na internet, ida a livrarias ou mesmo a bibliotecas públicas, de modo a possibilitar acesso a esses espaços que muitas acreditam não serem seus espaços.

COMO SEI QUE O TRABALHO QUE ESTOU FAZENDO COM O GRUPO ESTÁ DANDO CERTO?

Para que seja possível vermos resultados em um trabalho que não se restrinja a ações pontuais e se tenha elementos seja qualitativo seja quantitativo para aferir esses resultados, é preciso criar elos independentemente do formato adotado (reunião, oficina, ciranda, seminário, etc.). Isso nos leva a considerar a importância de um acompanhamento periódico. Este pode se dar presencialmente ou por teleconferência, ou ainda por meio de uma demanda que você possa combinar com o grupo.

Por exemplo: ler um capítulo de um livro e enviar os comentários. Você poderá até sugerir duas perguntas a serem respondidas; assistir

a um filme, dialogar sobre ele e também enviar comentários que poderão seguir essas questões: do que mais gostaram no filme; do que discordaram e por que; se o filme tem relação com a realidade em que vivem, em que aspecto e por que; se concordam com a saída que a atriz encontrou para dar conta de problema e por que. Se não, que saída poderiam propor?

O resultado do trabalho pode ser medido também pelo que ele acumulou, tanto de contribuição para a facilitadora como para o grupo de mulheres. Como chegarmos a isso? Registrando cada atividade. Os registros são fundamentais para uma sistematização dos resultados do trabalho que foi desenvolvido. Podem ser feitos por meio de audiovisual, relatório, cartilha, boletins, diário de bordo, entre outros formatos. Registrar e sistematizar a experiência que temos com os grupos é bom para nós, as facilitadoras e para o grupo. É bom para nós porque nos provoca a revisitar o trabalho que fizemos, como se estivéssemos com um olhar de fora, vendo um filme. Daí, vamos poder analisar o que gostamos na nossa condução, o que não gostamos, o que poderia ter sido feito de um outro modo para obtermos melhores resultados.

Vai servir para que não cometamos os mesmos erros com outro ou com o mesmo grupo. É bom para as mulheres do grupo porque é um registro de suas vivências, de suas experiências do sentir, do falar, do fazer, no que amadureceram e no que não conseguiram avançar. Elas se verão num movimento de identificar os processos de mudanças que vivenciaram e os significados em suas vidas; como estavam quando começaram e como estão agora. É bom para a autoestima.

O QUE PRECISA SER FEITO
ANTES DA REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE

- A preparação, o antes é fundamental para o êxito da atividade.
- Preparação, organização do espaço que seja agradável e acolhedor para a realização das atividades (fotos, cartazes, flores, velas...).
- Definir as responsabilidades diretas pela atividade e os apoios.
- Ter uma pessoa de referência no grupo que consiga garantir as atividades nos espaços até a realização da outra. Para que não se perca o elo, essa pessoa poderá contribuir para preparar e lembrar as mulheres sobre as atividades que estão em curso.

COMO PREPARAR?

1. Fazer comunicado sobre o evento. Neste deve ser dito: nome do evento, quem está convidando, para que, quem está sendo convidada, data, local e horário, duração do evento e quem assume as despesas com deslocamento e alimentação.

2. Providenciar infraestrutura adequada: local de fácil acesso, arejado, limpo, com os equipamentos necessários ao bom desempenho da atividade; local para acolhimento das crianças com recreação (ciranda infantil com cuidador/a, devendo ser visto antecipadamente o material lúdico e recreativo especifico para as idades das crianças); material de apoio disponível. É bom que a facilitadora conheça o local com antecedência.

3. É importante que o tema seja de interesse do público e esteja de alguma forma relacionado à realidade das mulheres.

4. O tipo de público com o qual se vai trabalhar: considerar o nível de conhecimento do grupo, o grau de escolaridade, a faixa etária e se existem no grupo mulheres negras e/ou indígenas ou quilombolas.

Em cada tema a ser abordado, deve-se sempre fazer um recorte de raça, classe e etnia, mesmo que não haja mulheres negras nem indígenas no grupo.

5 O material a ser utilizado: não é adequado usar como instrumento de apoio, material escrito, quando a maioria das mulheres não sabe ler ou lê muito pouco. Deve-se então, recorrer a outros recursos: brincadeiras, dramatizações, mímicas, filmes dublados, desenhos, relato de vivências. Quando forem poucas pessoas e se forem usar algo escrito, pedir que a vizinha leia para a que não sabe ler ou fazer leitura coletiva. Mas este não deve ser o único instrumento a ser utilizado na atividade. Quando houver adolescentes no grupo, deve-se, se for o caso, separar o grupo por faixa etária em algum momento.

6 Usar leitura de texto como forma de aprofundar conhecimento. O ideal é que seja lido em conjunto, pausadamente. A cada pausa, perguntar o que se está entendendo, se existe alguma dúvida ou alguma palavra que alguém não entendeu.

7 Como aprofundar um tema: quem está conduzindo a atividade, pensar que recursos deverão ser utilizados, de modo que o grupo possa entender o que está sendo discutido e tenha condições de aprofundar. Faz-se necessário que haja uma preparação anterior da pessoa que vai conduzir a atividade. O ideal é que antes de preparar o roteiro, troque ideias com alguém sobre o tema, leia vários materiais que tratam do assunto; procure também ver filmes que abordam o tema, pois são fontes inspiradoras.

Toda vez que nas leituras ou nos filmes você perceber algo interessante a ser dito ou abordado na sua atividade, não perca isso, vá anotando. Depois junte tudo. Isso facilita tanto no desenvolvimento do tema como para organizar a pauta de acordo com os horários. Daí, você deve se perguntar: o que eu gostaria que as pessoas compreendessem? Como fazer com que o grupo participe da discussão? Que instrumentos de apoio eu posso utilizar para que a compreensão se torne mais fácil? Como vou saber se as pessoas se sentiram bem naquela discussão e se foi atingido o meu objetivo com aquela atividade?

8 A avaliação da atividade: sempre deixe um tempo para que ela seja feita. Ela serve para que você possa corrigir erros cometidos, identificar se todo o grupo entendeu o que foi discutido, saber no que ela contribuiu para o avanço do grupo e os próximos passos. Além da avaliação com o grupo todo, é bom que ela também seja feita com a equipe que organizou o evento.

O SENTIDO DAS "DINÂMICAS"

Existem várias maneiras para a prática da aprendizagem. Uma delas é considerar como um elemento fundamental para reconstituir as identidades das mulheres e seus jeitos de estarem no mundo, as formas lúdicas de aprendizagem. Mas o que significa aprender, considerando essas formas lúdicas?

Significa deixar fluir, correr solta a criatividade, a afetividade, a descoberta, por meio de atividades livres e divertidas, chamadas de "dinâmicas de grupo" ou "vivências". Esta é ainda a melhor forma de quebrar resistências e autodefesas durante o processo formativo, tanto na reflexão crítica de nossa prática como quando estabelecemos as nossas relações na sociedade.

Nesses tempos de intolerância, num contexto de disseminação de ódio, em especial em relação às mulheres, essas vivências acabam sendo nossos refúgios, nossos "encontros" com pessoas que passarão a fazer parte de nossas vidas, seja a partir do que dizem, seja a partir do que fazem. Nunca foi tão necessário estarmos juntas.

Olhar, sentir, escutar, buscar caminhos juntas, são atitudes que toda educadora feminista, que também se reconhece como em processo de aprendizagem, deve ter se quer realmente contribuir para a transformação de uma realidade tão injusta para com as mulheres.

As chamadas "dinâmicas de grupo" não podem ser consideradas apenas brincadeiras que posso usar e a qualquer hora. Elas fazem parte do conteúdo e o alimentam. Por isso devem estar sintonizadas com o que queremos alcançar, a partir do tema escolhido para a atividade.

COM QUE OBJETIVOS, EM QUE MOMENTOS, DINÂMICAS DEVEM SER UTILIZADAS:

Em qualquer trabalho com grupos, é importante começar pela aproximação entre as pessoas, principalmente quando elas estão se conhecendo naquele momento. Criar um ambiente de harmonia, afetividade, cumplicidade, é fundamental. Isso também tem a ver com a própria utilização da sala onde a atividade vai ocorrer. O ideal é que, além de cadeiras, estejam à disposição do grupo esteiras e almofadas, caso queiram estar em outra posição que não sentadas.

Existem duas melhores maneiras de facilitar essa aproximação: uma é por meio dos rituais indígenas onde, em geral, usam os elementos da natureza, ficam em contato com eles, fazem orações, clamam pelos ancestrais, dão as mãos, ficam em silêncio e cantam ou fazem oferendas ao fogo. Nesta, podemos sentir muita troca de energia.

Outra é através de "brincadeiras", que trazem de volta nosso lado criança, muitas vezes adormecido. Na brincadeira, as pessoas se aproximam, se tocam sem timidez ou repressão porque estão brincando. Ela ajuda a desinibir, a motivar as pessoas a se relacionarem, quebrar as primeiras barreiras da convivência.

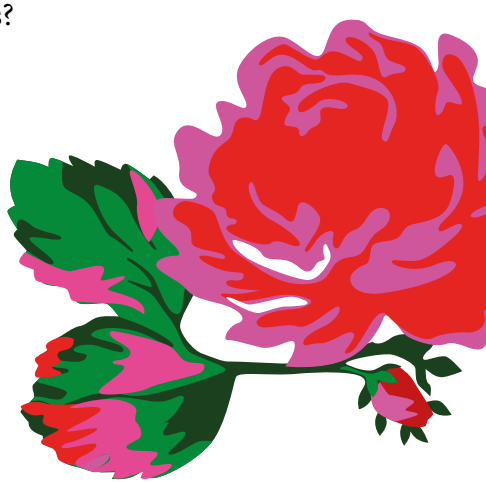
Nos intervalos maiores, em especial, depois do almoço, é bom que a dinâmica de retorno sirva para aquecer as pessoas, ajudando a integrar e se conectar novamente com o tema da atividade.

É importante que cada dinâmica esteja relacionada à nossa expectativa em relação ao grupo em cada momento ou ao produto que desejamos obter durante cada etapa da atividade. Por exemplo: nos temas de aprofundamento, poderão ser utilizadas dinâmicas que tenham como objetivo facilitar a compreensão sobre o assunto e o envolvimento de todo o grupo.

Ao final de cada dia de trabalho ou de um período denso de discussão, dinâmicas de relaxamento ajudam a fazer com que as pessoas "se encontrem novamente consigo", para entrarem numa outra etapa com o coração, a mente e o corpo mais leves.

É FUNDAMENTAL ESTARMOS ATENTAS PARA QUE PROCESSOS EDUCATIVOS ESTAMOS DISPOSTAS A COMPARTILHAR:

- Cada grupo guarda diferenças individuais, ritmos diferenciados e potencialidades únicas;
- Se aprende fazendo, experimentando, observando.
- Não vamos reforçar estereótipos racistas.
- A liberdade e responsabilidade de cada pessoa tem um outro sentido na coletividade.
- O desenvolvimento das capacidades e dos potenciais de cada pessoa para sentir, pensar e agir de forma autônoma, crítica e criativa, é um processo sempre em construção, pois só aprendemos a sentir, sentindo, a agir, agindo e a pensar sobre a ação, pensando.
- Mobilizar as mulheres para adquirirem novos conhecimentos ou aprofundá-los só é importante se esse fato contribuir para que desenvolvam a capacidade de reflexão sobre o que está à sua volta e assumam consigo o desafio de aplicar o que refletiram às situações que se apresentem na sua prática cotidiana.
- Nossa tarefa primordial deve estar voltada para conclamar o grupo a ser parte ativa no aprendizado. Afinal de contas queremos ou não que todas nos libertemos das opressões?



REFERÊNCIAS TEÓRICAS

AUTORAS/ES NEGRAS

A mulher negra no mercado de trabalho – por Beatriz Nascimento
https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho-por-beatriz-nascimento/

Documentário: Da senzala ao Soul
https://www.geledes.org.br/o-negro-da-senzala-ao-sul-um-documentario-da-tv-cultura1977/

Hooks, Bell. Ensinando a Transgredir. A Educação como prática da Liberdade. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2019.

Hooks, Bell. Olhares Negros- raça e representação. Ed.Elefante _ Apoio: Fundação Rosa Luxemburgo, São Paulo, 2019.

Davis, Angela. Mulheres, Raça e Classe. Editora Boitempo, 2ªEdição, São Paulo, 2017.

Adichie, Ngozi Chimamanda. O Perigo de uma História Única. Ed. Companhia das letras, São Paulo, 2019

Adichie, Ngozi Chimamanda. Todos Deveríamos ser Feministas. 2018.
Mbembe, Achille. A Crítica da Razão Negra. Ed. N1, São Paulo, 2019

AUTORAS/ES INDÍGENAS

Krenak, Ailton - Ideias Para Adiar o fim do Mundo- 1ª Edição- São Paulo-Editora Companhia das Letras – 2019.

Potiguar Eliane - A Terra é Mãe do Índio (1989), Akajutibiro: Terra do Índio Potiguara (2004), Metade Cara, Metade Máscara (2004)

Munduruku, Daniel - Vozes Ancestrais

OUTROS AUTORES/AS

Mulher e Participação Politica: Trajetória de Lutas e Conquistas. Elo Feminista, Centro de Pesquisa e Assessoria-Esplar e Instituto Negra do Ceará. Fortaleza, 2004.

Loureiro, Isabel. Rosa Luxemburgo – Os Dilemas da ação Revolucionária. Editora Unesp, São Paulo, 3ª Edição, 2019.

Freire, Paulo. Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa. Ed. Paz e Terra, 16ª dição , São Paulo, 2000.

Freire, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Ed. Paz e Terra, São Paulo, 2013
Faria, Nalu, Paradis Clarisse, Wiesner, Cindy. Feminismo em Resistência. Sempreviva Organização Feminista-SOF. São Paulo, 2019.

REDE
JUBILEU
SUL
BRASIL
Pela soberania dos povos